



ANTIFEMINISMO: CONSERVADORISMO E (RE)AFIRMAÇÃO SEXISTA NA MÍDIA DIGITAL

ANTIFEMINISM: CONSERVATISM AND SEXIST (RE)AFFIRMATION IN DIGITAL MEDIA

ANTIFEMINISMO: CONSERVADURISMO Y (RE)AFIRMACIÓN SEXISTA EN LOS MEDIOS DIGITALES

 <https://doi.org/10.56238/levv17n57-086>

Data de submissão: 25/01/2026

Data de publicação: 25/02/2026

Rainny Santos da Cruz

Graduada em Letras Português

Instituição: Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) - Paranaguá

E.mail: cruzrainny@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-6602-1635>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3865152543290544>

Dulce Elena Coelho Barros

Doutora em Linguística

Instituição: Universidade de Brasília (UNB)

E.mail: dulce.barros@unespar.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7760-801X>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2704590837778898>

RESUMO

À luz da Análise do Discurso, conforme Michel Foucault e Teu Van Dijk é possível discutir aspectos que incidem sobre as práticas sociais antifeministas. Esta pesquisa de iniciação científica, cujo tema é “Antifeminismo: conservadorismo e (re)afirmação sexista na mídia digital”, tem como foco analisar como o antifeminismo se manifesta na mídia digital através de discursos conservadores e sexistas. O feminismo é um movimento que nasceu no final do século XVIII com a proposta de romper as desigualdades de gênero e enfrentar a opressão experimentada pelas mulheres ao longo dos séculos, e vem crescendo desde então. Em contrapartida, nasceu o antifeminismo, um movimento de oposição que tem como objetivo utilizar discursos religiosos para desacreditizar todo e qualquer discurso do movimento feminista, como se eles fossem uma ameaça à “ordem” tradicional. Na era contemporânea, essa ideologia se manifesta de forma online com o surgimento de comunidades de ódio contra as mulheres, como o subgrupo da “Redpill” que, dentre outros, por meio de fóruns online ou canais do Youtube, fazem críticas ao feminismo e distorcem os discursos emancipatórios, como forma de disseminar distorcidamente “as verdades” que eles descobriram, e alegar que o feminismo tem o objetivo de oprimir os homens e dar poderes desproporcionais às mulheres. Esses movimentos, que se mostram contrários às bandeiras feministas, defendem uma ideia de mercado sexual, onde mulheres e homens são avaliados com base na sua atratividade e valores sociais tradicionais, enfatizam que as mulheres têm uma vantagem natural que lhes favorece, por conta da sua aparência física, sendo os homens bem-vistos se possuírem bens materiais, status social reconhecido e mantiverem as mulheres sempre “abaixo” deles, subjugadas e cativas. Esses discursos reforçam suas visões misóginas e perpetuam dizeres sexistas, além de alimentarem o conservadorismo nefasto e discriminatório advindo

de uma suposta religiosidade que busca manter as mulheres sob o jugo/poder do patriarcado hegemônico.

Palavras-chave: Feminismo. Antifeminismo. Análise do Discurso.

ABSTRACT

In light of Discourse Analysis, as developed by Michel Foucault and Teu Van Dijk, it is possible to discuss aspects that influence antifeminist social practices. This undergraduate research project, whose theme is "Antifeminism: conservatism and sexist (re)affirmation in digital media," focuses on analyzing how antifeminism manifests itself in digital media through conservative and sexist discourses. Feminism is a movement that emerged in the late 18th century with the aim of breaking down gender inequalities and confronting the oppression experienced by women throughout the centuries, and it has been growing ever since. In contrast, antifeminism arose, an opposition movement that aims to use religious discourses to discredit any and all discourse of the feminist movement, as if they were a threat to the traditional "order." In the contemporary era, this ideology manifests itself online with the emergence of hate communities against women, such as the "Redpill" subgroup, which, among other things, criticizes feminism and distorts emancipatory discourses through online forums or YouTube channels, in order to disseminate distorted "truths" they have discovered, and claim that feminism aims to oppress men and give disproportionate power to women. These movements, which are contrary to feminist ideals, defend an idea of a sexual marketplace, where women and men are evaluated based on their attractiveness and traditional social values. They emphasize that women have a natural advantage that favors them because of their physical appearance, while men are well-regarded if they possess material goods, recognized social status, and keep women always "below" them, subjugated and captive. These discourses reinforce misogynistic views and perpetuate sexist statements, in addition to fueling the nefarious and discriminatory conservatism stemming from a supposed religiosity that seeks to keep women under the yoke/power of the hegemonic patriarchy.

Keywords: Feminism. Antifeminism. Discourse Analysis.

RESUMEN

A la luz del Análisis del Discurso, desarrollado por Michel Foucault y Teu Van Dijk, es posible discutir aspectos que influyen en las prácticas sociales antifeministas. Este proyecto de investigación de pregrado, cuyo tema es "Antifeminismo: conservadurismo y (re)afirmación sexista en los medios digitales", se centra en analizar cómo el antifeminismo se manifiesta en los medios digitales a través de discursos conservadores y sexistas. El feminismo es un movimiento que surgió a finales del siglo XVIII con el objetivo de romper las desigualdades de género y confrontar la opresión sufrida por las mujeres a lo largo de los siglos, y ha ido creciendo desde entonces. En contraste, surgió el antifeminismo, un movimiento de oposición que busca utilizar los discursos religiosos para desacreditar cualquier discurso del movimiento feminista, como si fueran una amenaza al "orden" tradicional. En la era contemporánea, esta ideología se manifiesta en línea con el surgimiento de comunidades de odio contra las mujeres, como el subgrupo "Redpill", que, entre otras cosas, critica el feminismo y distorsiona los discursos emancipadores a través de foros en línea o canales de YouTube para difundir las "verdades" distorsionadas que ha descubierto, y afirma que el feminismo busca oprimir a los hombres y otorgar un poder desproporcionado a las mujeres. Estos movimientos, contrarios a los ideales feministas, defienden la idea de un mercado sexual donde las mujeres y los hombres son evaluados en función de su atractivo y los valores sociales tradicionales. Destacan que las mujeres tienen una ventaja natural que las favorece debido a su apariencia física, mientras que los hombres son bien considerados si poseen bienes materiales y un estatus social reconocido, y mantienen a las mujeres siempre "por debajo", subyugadas y cautivas. Estos discursos refuerzan visiones misóginas y perpetúan declaraciones sexistas, además de alimentar el conservadurismo nefasto y discriminatorio derivado de una supuesta religiosidad que busca mantener a las mujeres bajo el yugo/poder del patriarcado hegemónico.



Palabras clave: Feminismo. Antifeminismo. Análisis del Discurso.

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais é facilmente observável, sobretudo nas redes sociais e em sites de informações na internet, o levante de um movimento dito antifeminista que acusa os movimentos feministas de romperem valores tradicionais considerados necessários para a vida em sociedade.

Diante desse cenário, torna-se relevante compreender como esse discurso é elaborado e como, cada vez mais, um conjunto expressivo de mulheres vêm aderindo a ele. Frente a esses discursos que reverberam na sociedade, esta pesquisa busca respostas para as seguintes questões: a- em que medida esse pensamento afeta a sociedade e impacta as conquistas dos movimentos de mulheres; b- porque o slogan “sou feminina, não feminista” ganha novas seguidoras?; c- que aspectos das práticas discursivas revelam o subentendido de que “ser feminista” anularia a propriedade “ser feminina”?.

A compreensão desses aspectos se faz necessária na medida em que deve lançar luz sobre os discursos conservadores que, entre outros fatores, mitigam as políticas identitárias dos movimentos libertários, propícios à manutenção das hegemonias de gênero e de poder na sociedade.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é discutir e analisar criticamente os impactos desse discurso conservador sobre as conquistas já alcançadas pelos movimentos feministas, no que se refere aos direitos já adquiridos.

Sendo assim, toma-se como referencial teórico para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso os preceitos teóricos de Michel Foucault, por meio das obras: “O sujeito e o poder”, “Um diálogo sobre os prazeres do sexo” e “A Ordem do Discurso”, fazendo-se referência às reflexões propostas por Van Dijk em sua obra “Discurso e Poder”.

Os resultados deste estudo devem fortalecer a busca pela desnaturalização dos discursos hegemônicos e dominantes que aprisionam, escravizam os sujeitos sociais femininos. É preciso que se destaque e se discuta de modo contundente que a adesão ao discurso do dominador, bem como, a sua reprodução nas práticas discursivas dos dominados potencializa as injustiças e desigualdades sociais, bem como, fortalece as lutas hegemônicas. A observação atenta da visão distorcida e desqualificadora presente em discursos antifeministas e conservadores, os quais põem em xeque os princípios e metas de natureza política, ética e humanista dos movimentos feministas suscitou o desejo de desenvolver este estudo.

Percebe-se que, na atualidade, surge um discurso distorcido que busca assegurar a existência de “falácias” nos movimentos feministas. Argumenta-se que tais movimentos utilizam um discurso teoricamente progressista para divulgar suas ideias, consideradas por grupos que se posicionam contrários às ideias feministas como precárias e sem fundamento.

De acordo com esse contradiscurso, as militantes feministas objetivam apenas os interesses pessoais de suas representantes, que, se valendo de um convincente discurso, manipulam grupos e segmentos da sociedade apenas para distorcer os valores morais e de “decência” estabelecidos,

promover o caos e a desestruturação das famílias e romper padrões sociais primordiais para o funcionamento e manutenção da vida em sociedade.

Para defender o que se denominou chamar de valores da família tradicional surgem, portanto, movimentos declaradamente antifeministas, que com um elaborado discurso em nome da manutenção da moral e dos bons costumes, desqualifica o movimento feminista e suas conquistas, colocando-o na posição de inimigo da sociedade e delegando-lhe um lugar de marginalidade e segregação, lugar que, ironicamente, o movimento de mulheres, tem arduamente combatido, desde suas primeiras manifestações, ainda no século XIX.

Desta forma, observa-se a adesão cada vez maior de mulheres ao movimento antifeminista, mulheres estas que se declaram satisfeitas e felizes com seu lugar na sociedade e acusam o movimento de mulheres de promover a destruição dos valores e características femininas, querendo igualar as mulheres às condições masculinas, desprezando as diferenças que distinguem os gêneros e que são necessárias para que se preserve valores familiares e morais indispensáveis para a manutenção da sociedade e da própria existência humana.

A redução do discurso feminista a um embate entre os gêneros é uma forma muito eficiente de reduzir e desqualificar o movimento feminista, mas a grande questão é pensar sobre o que leva mulheres, em pleno século XXI, usufruindo de direitos sociais adquiridos em lutas sociais, a se declararem contra o movimento social que, através de décadas de reivindicações proporcionou esses direitos; que discurso é esse que leva mulheres a se oporem a um movimento que luta para garantir a inserção e realocação da mulher na sociedade, diminuindo as distâncias nas formas de significar homens e mulheres?

Assim, neste estudo, busca-se refletir sobre como compreender e desmitificar essas ideologias e posicionamentos que se constroem à luz de um discurso conservador e fortalecedor, acima de tudo, da hegemonia masculina.

2 COMPOSIÇÃO DAS MATERIALIDADES ANALÍTICAS

Para compor o material de análise e discussão do tema desta pesquisa foram selecionados artigos publicados em sites e páginas de notícias na internet durante os dois últimos anos e que foram considerados relevantes por conterem informações e reflexões relativas aos movimentos feministas e antifeministas.

O primeiro material selecionado para intitula-se De que maneira o feminismo tornou-se inimigo da sociedade?¹ O qual foi publicado em 20/11/2020, no caderno Democracia e Diplomacia do portal de notícias Uol, com autoria de Camila Galetti, mestre e doutoranda em Sociologia pela Universidade

¹ <https://noticias.uol.com.br/colunas/democracia-e-diplomacia/2020/11/20/de-que-maneira-o-feminismo-tornou-se-inimigo-da-sociedade.htm>

Federal de Brasília (UnB) e pesquisadora do projeto Mulheres Eleitas do LAPPCOM/UFRJ, Laboratório de Eleições, Partidos e Política Comparada, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O segundo artigo integrante do corpus analítico é intitulado Anti-feminismo: como ele fere pessoas de todos os gêneros, incluindo homens,² publicado em 11/03/2020 no blog Blogueiras Feministas e com autoria de Ana Carolina da Mata, blogueira e feminista, defensora dos direitos das mulheres.

O terceiro artigo selecionado é (Anti) Feminismo em Pauta³, publicado em 11/03/2019 no site Carta Capital, de autoria do advogado Igor Leone, que atua como editor de justiça do site.

Por fim, o quarto artigo selecionado para compor este corpus intitula-se O verdadeiro poder feminino⁴, de autoria da Deputada Federal Bia Kicis, publicado em 08/07/2020 no site pleno news, no caderno Pauta Brasil.

A pesquisadora Camila Galetti (2020), em De que maneira o feminismo tornou-se inimigo da sociedade?, aborda em seu texto a crescente onda antifeminista que tem envolvido um número cada vez maior de mulheres. Ela destaca a participação e relevância dos movimentos de mulheres para as conquistas relacionadas ao gênero feminino e ressalta a postura assumida pelo sistema patriarcal dominante que, em sua infundável tentativa de silenciar o movimento, busca recolocar a mulher em um papel construído e estabelecido historicamente, que a limita ao âmbito privado e a reduz ao silêncio.

Para Galetti, a postura combativa deve ser mantida, posto que “o estado de mobilização é uma constante quando se trata da condição feminina, pois investidas à invisibilização e ao silenciamento não cessam” (GALETTI, 2020). A estudiosa complementa dizendo que “as lutas travadas por mulheres perpassam inúmeros aspectos, tornando o corpo feminino território de disputa frequente: é como se o corpo gerasse medo e, por isso, devesse ser encerrado no privado, no lar” (GALETTI, 2020).

Sobre as tentativas de desmonte dos ideais feministas que norteiam as lutas dos movimentos a pesquisadora alerta que:

Para além do desmantelamento, o giro à direita atrelado ao neoliberalismo tem conseguido acessar as subjetividades femininas ao ponto de muitas de nós, mulheres, sermos coniventes com narrativas que pautam um antifeminismo ou a negação das desigualdades de gênero (Galetti, 2020).

Nesse ínterim, chama atenção para as acusações que pesam sobre os feminismos. O antifeminismo, assevera ela, se manifesta como defesa de certo modelo de feminilidade. Cria a ideia de que movimentos feministas são nocivos por, supostamente, quererem acabar com o ideal de mulher

² <https://blogueirasfeministas.com/2020/03/11/antifeminismo-como-ele-fere-pessoas-de-todos-os-generos-incluindo-homens/>

³ <https://www.cartacapital.com.br/justica/antifeminismo-em-pauta/>

⁴ <https://pleno.news/opiniao/bia-kicis/o-verdadeiro-poder-feminino.html>

construído socialmente. De acordo com esse pensamento, ser feminista contraria a suposta natureza da mulher, qual seja, ser feminina e portadora de atributos e peculiaridades relacionadas basicamente à sua sexualidade. Essa visão contraditória, polarizadora povoa o imaginário social da visão de que ser mulher, portanto feminina, inviabiliza a assunção de valores e ideais de natureza feminista.

Galetti cita a posição assumida pelo Ministério da Mulher durante o governo Bolsonaro, Família e Direitos Humanos, que, como sabe-se, faz questão de erguer bandeira contrária às pautas dos movimentos feministas, sobretudo por questões religiosas. A pesquisadora nos faz lembrar que há por detrás dessa prática discursiva segregadora uma questão ideológica mais abrangente, já que, a junção de representação de diferentes segmentos da sociedade em um único ministério compromete a visão das singularidades. Para Galetti, “quando se homogeneiza em um único ministério mulheres, família e direitos humanos, o que vemos é a não aceitação das especificidades dos indivíduos”.

Percebe-se, portanto, que o neoconservadorismo instalado nas esferas do poder do Estado tem provocado retrocessos, no que diz respeito às conquistas dos movimentos de mulheres. Outro fator importante compreendido no artigo em foco, diz respeito às particularidades de gênero: “não existe uma categoria única do ser mulher. Somos multifacetadas e acometidas por opressões diferentes que se calcam em questões referentes à cor de pele, classe social, sexualidade” (GALETTI, 2020).

Para concluir, a pesquisadora reafirma a importância dos movimentos de mulheres para a sociedade: “movimentos sociais, como as lutas feministas, devem ser respeitados. Não podem ser transformados em inimigos políticos a serem eliminados” (Galetti, 2020). Ainda reforça a necessidade de atuação do movimento na busca por respeito e aceitação: “está evidente que o feminismo não esgota suas demandas nem suas lutas. Talvez por isso incomode tanto”.

A autora Ana Carolina da Mata em *Anti-feminismo: como ele fere pessoas de todos os gêneros*, incluindo homens aborda a frequente confusão que se costuma fazer quanto a definição do movimento feminista, que gera dúvidas e frequentemente faz com que algumas mulheres se identifiquem como “humanistas”, o que seria algo mais positivo e abrangente do que ser “feminista”. Nesse sentido, Mata explica as premissas dos movimentos de mulheres, a saber, a- o feminismo não é sobre supor que qualquer gênero seja superior ao outro; ele não é um movimento criado para promover os direitos de um determinado grupo em detrimento de outro; seu objetivo é desconstruir um sistema de opressão que existe baseado em gênero, algo que muitas feministas sabem que deve ser feito em conjunto com o combate à discriminação em suas inúmeras formas (MATA, 2020). Segundo Mata, devido a uma combinação de misoginia internalizada, com o bom e velho mal-entendido e vários erros no próprio movimento feminista, muitas pessoas não reconhecem que o feminismo pode beneficiar pessoas de todos os gêneros, há fatores que comprometem a visão sobre o movimento.

A partir desses preceitos, a blogueira e feminista aborda três aspectos na tentativa de esclarecer dúvidas acerca das propostas feministas e ressalta a importância dos movimentos para a sociedade em

geral. Primeiro ela menciona a opressão patriarcal como vitimizadora também do sexo masculino, exigindo dos homens uma postura agressiva, livre de sentimentos e expressões de dor ou medo, sintetizadas na famosa sentença “homem não chora”, punindo-os com o rótulo de “mulherzinhas”, caso demonstrem seus sentimentos e afetos. Em seguida, Mata justifica as origens dos movimentos antifeministas, em grupos religiosos contrários ao aborto e que, muitas vezes, se valem de dogmas de fé para oprimir outras pessoas. Cita ainda os ativistas dos direitos dos homens, que questionam conquistas femininas, como o direito a pensão alimentícia, desqualificam denúncias de violência, dizendo que as mulheres mentem acerca dos estupros de que são vítimas e sonham com uma sociedade em que cada participante cumpre suas funções e tudo funciona muito bem. E menciona aqueles que preferem não se oporem ao movimento, mas que preferem não se alinhar a ele, por seus tropeços do passado, como questões raciais e misóginas dentro do próprio movimento.

Para concluir, a pensadora destaca que a luta dos poderes hegemônicos para se manterem no poder como fator determinante para o surgimento de antagonismos aos movimentos de mulheres. Conforme destaca, o feminismo existe para desafiar as estruturas tradicionais de poder da sociedade. Portanto, faz sentido que as pessoas que se beneficiam dessas estruturas se oponham a qualquer coisa que tenha o potencial de perturbá-las. Sendo assim, para a autora, a não compreensão da complexa rede de relações que envolve a sociedade e seus membros permite que se desqualifique as propostas de igualdade de gênero dos movimentos feministas e só o entendimento dos reais objetivos dos feminismos permitirá que essa luta adquira novos contornos e seja vista com bons olhos por toda a sociedade. Isso lhe permite afirmar que o feminismo é, no entanto, um movimento sobre igualdade. Ele visa combater o sexismo e também toda e qualquer forma de dominação, sendo, inclusive, uma ferramenta muito útil para ajudar todos a avançar (MATA, 2020).

Em seu texto (Anti) Feminismo em Pauta, o advogado Igor Leone aborda o posicionamento da Deputada Estadual pelo Estado de Santa Catarina, Ana Caroline Campagnolo, que embora não se identifique como antifeminista, rejeita os posicionamentos dos movimentos de mulheres e acusa-os de parcialidade, negação da identidade feminina, rejeição da fé cristã em que se está fundada a sociedade ocidental e de tentar promover uma revolução sexual negando as diferenças biológicas entre os sexos masculino e feminino.

Ana Caroline Campagnolo destaca sua experiência com o movimento feminista e revela seu descontentamento:

Em 2012, quando comecei a estudar aborto, movimento feminino, direito ao voto. Foi este o tema do meu projeto de mestrado. Meu interesse no feminismo, a princípio, era isento. Eu não sabia o suficiente sobre para me posicionar a favor ou contra. Ai me propus a estudar. [...] Quando eu comecei a estudar o movimento, a primeira definição que eu encontrei foi a que defendia os direitos civis das mulheres. Direitos iguais, direito ao trabalho, direito ao voto, enfim, o reconhecimento desses direitos. Ou seja, na primeira impressão, eu não tinha nada contra isso [...]. Eu me voltei contra o movimento feminista quando eu descobri que essas bandeiras de reconhecimento de direitos são falsas. São uma maquiagem de algo muito mais

obscuro que recebe o nome de revolução sexual, que é a transformação dos comportamentos, da relação e da diferenciação entre homem e mulher (CAMPAGNOLO, 2017).

Ao relatar as declarações da Deputada, Leone as compara com trechos de discursos feministas produzidos em eventos oficiais do movimento, destacando o perigo da parcialidade, quando se analisa um movimento extenso e abrangente, que envolve aspectos históricos, sociais e políticos.

O articulista também faz referências a algumas pesquisadoras e seus estudos sobre feminismo e questões de gênero dentro e fora da alçada jurídica. Destaca suas bandeiras e sua participação no processo de elaboração e de discussões das leis que visam garantir direitos para as mulheres. Aponta, igualmente, as dificuldades encontradas pelos movimentos feministas em se estabelecerem como partes relevantes da sociedade, bem como participantes da produção de conhecimento científico, sobretudo porque, de acordo com o jurista, a sociedade, de forma geral, olha para partes do movimento e não para sua totalidade.

Para Leone, as leis promulgadas refletem os pensamentos de seus idealizadores, e nesse sentido, são sempre parciais e objetivam interesses específicos em detrimento do interesse de muitos, e por esse motivo os feminismos também incorrem nessa conduta, ao pensar em leis que defendam os direitos das mulheres, e em alguns casos, de apenas algumas mulheres. Retomando a fala da Deputada catarinense, o autor diz que o “conhecimento sobre o que se fala é imprescindível, bem como compreender que marcadores sociais, como o gênero (o feminino, em perspectiva dicotômica), não obrigam o posicionamento a favor do mesmo” (LEONE, 2019).

Ele aponta rupturas dentro da proposta de unanimidade do movimento de mulheres. Para o autor, essas rupturas se mostram perniciosas e revelam a fragilidade dos feminismos. Sendo assim, afirma de modo contundente que não é porque a pessoa é mulher que ela ouvirá e compreenderá todas as mulheres; não é porque uma pessoa aparentemente (estética) representa um grupo que ela, de fato, o representará (ética) sob a alcunha de um feminismo liberal ou de Estado, em que se invoca a quantidade em detrimento da qualidade. Outro aspecto a ser apontado refere-se ao caráter separatista dos movimentos que pode revelar o lado obscuro do que sim, também pode se compreender como feminismo, mas um feminismo excludente e violentador, pois aponta para uma voz de uma única mulher, cujo conteúdo exclui as reivindicações de diversas pluralidades das mulheres (LEONE, 2019). De acordo com o estudioso, essas posturas, dentro dos movimentos revelam que estes não conseguem cumprir o papel a que se propõem na sociedade e desse modo, não podem produzir outro sentimento que não seja o antifeminismo.

A Deputada Federal Bia Kicis, em seu artigo O Verdadeiro Poder Feminino aborda diversas conquistas das mulheres ao longo do século XX, atribuindo-as muito mais ao movimento do mercado de trabalho e às modificações das estruturas sociais, do que aos movimentos de mulheres, propriamente dito. Kicis questiona o termo “empoderamento” por considerá-lo inadequado, uma vez que o termo

sugere dar poder a quem não o tem, o que não é o caso das mulheres, que já possuem seu poder, inerente à sua condição de mulher na sociedade.

Segundo a Deputada, a entrada da mulher no mercado de trabalho se deve às dificuldades do período de guerra, onde havia carência de mão de obra, e as facilidades proporcionadas pelas tecnologias, que tornaram o trabalho menos pesado e mais acessível às mulheres, e trouxe prejuízos às mulheres, na medida em que estas perderam seu direito de cuidar de suas casas e vai além, ao afirmar que o movimento prega uma ideologia contrária às características biológicas essenciais. Nesse passo, utiliza como argumentos de autoridade: “qual tarefa neste mundo pode ser mais nobre do que formar um ser humano desde o início? Isso é um privilégio exclusivamente feminino e sempre será. Somente as mulheres têm útero e nenhuma ideologia será capaz de mudar esta realidade” (KICIS, 2020). Sendo o direito ao voto outro ponto mencionado pela Deputada na tentativa de justificar o antifeminismo. Para ela, o muito citado movimento feminista resulta de mudanças históricas e sociais, muito mais do que de interferência de movimentos de mulheres. Sendo assim, destaca; “quando as mulheres conquistaram o direito ao voto sem ter a obrigação de alistarem-se no exército, estamos falando de privilégios e não de direitos iguais e os homens aceitam isso de bom grado” (KICIS, 2020).

Segundo Kicis, o ato de votar estava relacionado à necessidade de escolher líderes para eventuais guerras, e como só os homens participavam desses eventos caberia apenas a eles esse direito de escolha, mas, apesar disso, foram generosos e fizeram a concessão que permitiu às mulheres o direito de votar. A Deputada cita ainda o movimento anti-sufragista, em que um grande número de mulheres foram às ruas para garantir seus direitos de não votar.

De acordo com Kicis, o movimento feminista objetiva retirar da mulher a sua essência feminina, de mulher, mãe e dona de casa para obrigá-la a tornar-se um ser diferente, contrário à sua natureza, masculinizado e privado de suas características peculiares, que singularizam-nas, e as tornam especiais:

Muitas mulheres acabam caindo em falácias do movimento feminista por desconhecerem certos pontos importantes com relação às suas pautas. Dizem que a mulher pode ser o que ela quiser, mas hoje parece um crime a mulheres o fato de desejar ser dona de casa, construir uma família e ser a RAINHA do lar (KICIS, 2020).

Kicis conclui seu artigo destacando a necessidade de valorização da identidade feminina, com toda sua diversidade e ressaltando a liberdade de escolha da mulher, que não deve ser obrigada a fazer escolhas contrárias aos seus desejos:

Quero passar a mensagem de que independente do que algumas ideologias pregam por aí, as mulheres sempre foram muito poderosas sim e não há necessidade de “empoderá-las”. Que cada vez mais as mulheres tenham liberdade para exercer seus talentos, embelezar o mundo e encantar a todos de um jeito que somente nós, mulheres, conseguimos fazer (KICIS, 2020).

3 REVERBERAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO ANTIFEMINISTA

Ataques aos movimentos feministas, como a fala da Deputada catarinense, acusando o movimento feminista de lutar por interesses pessoais de poucos e tentar promover uma desconstrução do que se entende por gênero masculino e feminino e suas respectivas funções e atribuições e ainda o artigo produzido por Bia Kicis, desmerecendo conquistas dos movimentos de mulheres, como o direito ao voto e ao trabalho remunerado, atribuindo-os aos avanços sociais e de mercado, por exemplo, não são eventos recentes, sempre correram ao lado do movimento, em um antagonismo perene, refutando argumentos, gerando longas discussões sobre o papel da mulher na sociedade e na vida familiar e doméstica, mas sobretudo, potencializando as dúvidas sobre a idoneidade do movimento e suas reivindicações e prejudicando a boa visibilidade do movimento frente a sociedade em geral.

A Pesquisadora Rita Terezinha Schimdt, em seu artigo *Refutações ao feminismo: (des)compasso da cultura letrada brasileira*, (2006) apresenta com muita clareza a postura da elite letrada, questionando as lutas e desqualificando a postura das integrantes dos movimentos de mulheres.

Vulgarizar o feminismo e associá-lo às noções de marginalidade e anacronismo para marcar a natureza de algo que não é bom, sadio e desejável para a sociedade brasileira tem sido parte da estratégia quase desesperada de parte de segmentos da elite intelectual, em sua tentativa de desqualificar os avanços sem precedentes das conquistas feministas (...)(SCHIMDT, 2006, p. 766).

Schimdt aborda o tema desde sua origem, nos discursos intelectuais até sua realização, na prática da sociedade, historicamente patriarcal, que reluta em conferir à população feminina o mesmo direito de cidadania conferido ao sexo masculino. A pesquisadora discorre sobre os prejuízos que esse discurso pode causar aos movimentos de mulheres e chama a atenção para a origem do problema, que é a necessidade de manutenção do poder da elite dominante.

Como se pode observar, o rechaço assume variadas formas, quer pela via da retórica do declínio e da forma caricata, quer pela via do fraseado erudito, uma armadilha para leitores/as não versados/as nas sutilezas de um discurso que não tem outro propósito a não ser descartar tudo o que estiver relacionado ao feminismo e aos direitos das mulheres. (...) produzem efeitos discursivos derivados de uma mesma matriz hegemônica que é a misoginia, cujo intento sempre foi o de normatizar, regular e controlar o espaço, os papéis e as intervenções das mulheres na vida social (SCHIMDT, 2006, p. 770).

A concretização desse discurso é preocupante porque ao realizar-se na prática da vida em sociedade, diminui as conquistas das mulheres e aumenta a segregação do pensamento e bandeiras feministas, provocando atrasos e colocando o movimento como um inimigo a ser veementemente combatido.

Sempre presente, de forma latente na sociedade, esse discurso ganhou força nos últimos anos e hoje encontra representantes em diferentes esferas de poderes governamentais, que usam de seus cargos

públicos e eletivos para propagar um discurso pernicioso, que inverte os valores e as lutas feministas tornando-os vilões em sua busca por igualdade de direitos e cidadania.

Levantando a bandeira do que se denominou “o verdadeiro poder feminino” o antifeminismo exalta a fragilidade e feminilidade das mulheres, afirmando serem esses os diferenciais que as tornam fortes e poderosas e acusam o movimento feminista de negar às mulheres o direito de serem apenas mulheres, frágeis, sensíveis, mães e donas de casa, exigindo que estas tenham comportamentos masculinos contrários à sua natureza delicada.

Pode-se afirmar que a oposição à luta das mulheres e ao feminismo se alimentou e ganhou força justamente através da retórica da família – da grande e harmoniosa família miscigenada cristã brasileira, na visão idealizada de Gilberto Freyre, em seu clássico *Casa-Grande & Senzala* 28, uma retórica que, amparada pelo Estado e pela Igreja desde o passado, vem jogando para baixo do tapete toda a tragédia decorrente do autoritarismo, da violência, da luxúria e da bastardia que marca nossa história (SCHIMDT, 2006, p. 776).

Além disso, desqualificam conquistas feministas históricas, como o direito ao voto e a possibilidade de trabalhar fora, reduzindo-as a consequências da evolução da sociedade, que ocorreram de forma autônoma, independente, como um processo natural e sem interferência dos movimentos de mulheres.

Grande parte desses equívocos ocorre pela ausência de visão ampla, completa dos feminismos na sociedade. Quando não se entende o caráter político do movimento é aceitável que se diga contrário ao movimento. Por sua amplitude e desejo de envolver e alcançar diferentes grupos e minorias o movimento engloba as mais diversas bandeiras, desde o direito de participar da vida pública, em cargos eletivos, passando pelos direitos trabalhistas até a luta pelo direito de possuir o próprio corpo, visto como objeto a ser colonizado, pela figura masculina, branca e colonizadora.

Apropriando-se inadequadamente desses discursos, o movimento antifeminista, em sua maioria, representado por mulheres, acusa os feminismos de postura ditatorial, que deseja regular as escolhas das mulheres em todos os aspectos, desde cuidados íntimos, como a depilação, passando pelas escolhas relacionadas à família, como casar e ter filhos, e chegando à esfera pública onde mulheres são “obrigadas” a trabalhar fora e concorrer em cargos eletivos. Evidentemente, e sem conhecimento da relevância do movimento para a sociedade, convém levantar a questão: qual mulher gostaria de ser vista associada a um movimento que quer determinar, até mesmo, ditar seus hábitos de higiene, algo tão pessoal e que só diz respeito a si mesma? E assim, com esses discursos parciais, não correspondentes, o antifeminismo cresce e o movimento que luta por direitos e cidadania é acusado justamente de cercear direitos.

Simone de Beauvoir, figura entre as principais representantes do movimento de mulheres, cujas falas, muitas vezes são retiradas de seu contexto para justificar uma visão deturpada do movimento,

pensou sobre essa questão, “o opressor não seria tão forte se não encontrasse cúmplices entre os próprios oprimidos” (BEAUVOIR, 1967, p. 490).

Em consonância com a proposta feita neste estudo, observa-se neste movimento teórico-analítico a oportunidade de lançar luzes sobre os modos de valorização e expansão de práticas sociais e discursivas conservadoras, que segregam as mulheres e criam espaços de invisibilidade para a luta feminina pela igualdade de gêneros.

4 FEMINISMO X ANTIFEMINISMO: EMBATE NO CAMPO DISCURSIVO

O filósofo e estudioso do discurso e de suas ressonâncias na sociedade, Michel Foucault proferiu em 02 de dezembro de 1970, em aula inaugural, no College de France, o texto intitulado A Ordem do Discurso, ao qual lança-se mão, na tentativa de trazer luz às relações discursivas inerentes aos feminismos e compreender as origens dos discursos, favoráveis e contrários aos movimentos feministas.

Segundo Foucault, o discurso é o lugar mais propício para embates e porque não dizer, combates, acerca de dois temas muito relevantes para os feminismos:

Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro, no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes (FOUCAULT, 1970, p. 9-10).

Para o autor, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (Foucault, 1970, p.10); sendo o discurso uma fonte de poder e dominação tão desejada e almejada, o filósofo revela a existência de “sistemas de exclusão que atingem o discurso: a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade” (Foucault, 1970, p.19); o primeiro relacionado às questões que não podem ser ditas, que são consideradas proibidas, o segundo relacionado ao ato de desqualificar o discurso por considerar o seu autor louco, ou inapto para proferir determinado texto, o terceiro está em oposição a vontade de saber, norteadora da busca pelo conhecimento. Para Foucault, há sem dúvida uma vontade de verdade no século XIX que não coincide nem pelas formas que põe em jogo, nem pelos domínios de objeto aos quais se dirige, nem pelas técnicas sobre as quais se apóia, com a vontade de saber que caracteriza a cultura clássica (FOUCAULT, 1970, p. 16). De acordo com o autor, essa vontade de verdade é independente, autônoma, ignora convenções e parâmetros; é como se “a vontade de verdade tivesse sua própria história, que não é a das verdades que constroem: história dos planos e objetos a conhecer, história das funções e posições do sujeito cognoscente (...)” (p.17). Além de ser naturalmente excludente, conforme destaca o estudioso:

Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um conjunto compacto de práticas (...) é reconduzida pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído (FOUCAULT, 1970, p. 17).

Ao analisar os discursos referentes aos feminismos, observa-se que, se por um lado há um movimento intenso por parte dos grupos de defesa dos direitos das mulheres, cujo objetivo é realocar o lugar da mulher em suas atribuições e funções na sociedade, por outro lado, surgem cada vez mais discursos como os anteriormente citados, em que mulheres, representantes de outras mulheres de suas comunidades, eleitas por meio de um pleito democrático, utilizam-se de sua representatividade e posição política para questionar e desqualificar as bandeiras feministas e marginalizar os movimentos, tornando-os desacreditados e sem relevância para a sociedade.

Em meio a essa disputa discursiva encontra-se a população, letrada ou não, que por interesse ou desconhecimento adere e reproduz um discurso duplamente opressor e segregador, seja por imputar à mulher uma posição de subalternidade e subserviência ou por mitigar e, até mesmo, refutar a pertinência da sua participação de movimentos intervencionista que obtiveram conquistas históricas capazes de modificarem estruturas sociais e realocarem o corpo social feminino em um novo patamar de representatividade social e política. Nota-se nesse discurso antagônico, extrema “vontade de verdade”, segundo a proposta Foucaultiana, sobretudo por considerar-se que “essa vontade de verdade (...) tende a exercer sobre outros discursos (...) uma espécie de pressão e como um poder de coerção” (FOUCAULT, 1970, p.18); e dentro dessa “vontade de verdade” do discurso antifeminista a “vontade de saber” das reflexões feministas são refutadas e silenciadas de forma constante.

5 FEMINISMO: RESISTÊNCIA AO CONSERVADORISMO

O movimento feminista emerge como forma de resistência ao discurso conservador, desestabiliza as definições de identidade de gênero e dá visibilidade às relações de poder, escancarando a hierarquização e misoginia que estruturam essas relações. Além de problematizar questões relativas às hegemonias (distribuição de poderes), o feminismo “mostrou como se opera a exclusão social das mulheres do mundo público, assim como o silenciamento e a desqualificação de seus temas e questões” (RAGO, 2001, p.9).

O conservadorismo fabrica o apagamento de novos discursos e das mudanças na forma de olhar as relações sociais, além de impedir questionamentos sobre os motivos pelos quais determinadas práticas e funções dos sujeitos sociais são/estão estabilizadas e difundidas na sociedade, enquanto outras são/estão marginalizadas e reprimidas. O discurso conservador, por sua vez, se vale de diversos saberes potencialmente legítimos/legitimados para a distribuição dos poderes na sociedade, tanto entre as classes, quanto entre os gêneros. Há três aspectos que precisam ser considerados na tentativa de compreender a adesão de grupos de mulheres ao discurso antifeminista: em primeiro lugar está o

discurso patriarcal, historicamente institucionalizado e vigente desde o período colonial, quando o homem colonizador-dominador, em busca de desenvolvimento precisava conquistar terras, dominar povos, difundir sua cultura e nessa busca pela dominação, dispensou à mulher e ao corpo feminino o mesmo sentimento de dominação e apropriação. Em seguida destaca-se a influência do sistema capitalista, que por beneficiar-se das diferenças e desigualdades, reforça as posições silenciadas em que se encontram determinados grupos sociais e incentiva práticas de repressão e dominação. Por último deve-se citar a própria pluralidade dos movimentos feministas, que defendendo diferentes premissas e bandeiras acaba sendo acusado de não ser capaz de representar o gênero feminino de forma eficiente e eficaz.

A junção desses três fatores formam o trinômio com o qual o discurso dominante desqualifica os feminismos, através de análises parciais sobre as pautas feministas, julgando o todo por uma parte e ridicularizando as mulheres feministas; questionando suas capacidades e habilidades quanto a ser feminina, sugerindo que não são capazes de proceder de maneira feminina e adequada e propagando a falsa ideia de que os movimentos negam a essência e natureza femininas e tentam conduzir às mulheres a um comportamento masculinizado e contrário à própria condição de ser mulher.

A reprodução desse discurso, distante de uma análise crítica e cuidadosa dos fatos, produz sentido de verdade irrefutável e, portanto, absoluta. Desse modo, é muito fácil desconstruir, pela ação discursiva, a luta feminista. Sendo assim, é possível encontrar ecos das formas de representação descaracterizadoras das frentes feministas na voz de um número cada vez maior de mulheres, que acabam por reproduzi-lo sem darem-se conta de que por detraz desse discurso com ares de verdade referendam-se ideologias que lhes desfavorecem e marginalizam.

6 ANTIFEMINISMO: (RE)AFIRMAÇÃO AO CONSERVADORISMO

Ao retomar trechos dos discursos citados anteriormente é necessário destacar que os movimentos feministas sempre tiveram como premissa a luta por igualdade de direitos, sociais e civis às mulheres.

A pesquisadora Margareth Racco, em seu artigo *Feminizar é Preciso: por uma cultura filógena* (2001), ao abordar a questão antifeminista vigente na sociedade, destaca a proposta feminista de ressignificação da mulher, diante da dominação patriarcal histórica:

(...) uma das questões centrais do feminismo, antes e agora, têm sido a de propor a construção de identidades femininas sob outras bases e parâmetros conceituais. Uma recusa, portanto, das formas de sujeição impostas pelo olhar masculino, pela ciência, pela moral e pela cultura masculinas (..) (RACCO, 2001, p. 59).

No artigo *Problematizações Feministas* à obra de Michel Foucault (2007) dos autores Martha Narvaz e Henrique Caetano Nardi, os movimentos feministas são definidos como movimentos sociais

que buscam a igualdade de direitos, entre homens e mulheres. Figuram enquanto “movimento de luta das mulheres pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos, o feminismo reivindica que pessoas diferentes sejam tratadas não como iguais, mas como equivalentes” (NARVAS e NARDI, 2007, p. 49). Os autores também destacam a natureza múltipla do feminismo, “não há, portanto, um feminismo unívoco e totalizante, mas um feminismo plural, problemático, que questiona a si mesmo e as doutrinas do feminismo original”(p. 52).

Nesse sentido, é equivocado afirmar que os movimentos defendem interesses de minorias, justamente porque a pluralidade a que se propõe o movimento sugere seu interesse em que as suas mais diferentes propostas alcancem cada vez mais, números maiores de sujeitos, que se sintam representados, em suas lutas e reivindicações. De modo igual, se não é possível dimensionar e metrificar a exata participação dos movimentos de mulheres em conquistas históricas, como o direito ao voto por exemplo, também não é possível determinar a sua irrelevância; e assim é perfeitamente admissível afirmar que as grandes mudanças sociais que já ocorreram e trouxeram benefícios à população feminina foram sim, advindas de questionamentos e reivindicações feministas. Conforme aponta Racco (2001, p. 64), “a maneira pela qual a valorização da cultura feminina tem afetado nosso mundo é perceptível em vários momentos, dos quais seria importante apenas sugerir alguns breves exemplos no campo da ciência, da política e da sexualidade”.

A apropriação de textos críticos aos movimentos femininos, produzidos por teóricas do movimento, que objetivam com suas reflexões trazer luz para questões que carecem ser discutidas e refletidas, com o intuito de fragilizá-los e desqualificá-los apenas reforça o caráter múltiplo dos feminismos, que procura a equidade sem deixar de valorizar as diferenças e as singularidades de cada grupo, além de reforçar sua busca por justas e adequadas condições de debates, sobre as mais variadas propostas e questões.

Ao acusar-se os movimentos feministas de negarem a feminilidade às mulheres, que uma vez cooptadas ao front passam a ser associadas a comportamentos e posturas masculinas, e acusadas de não serem capazes de exercer sua natural delicadeza e solicitude, o que na realidade nada mais é do que fragilidade e subserviência, evidencia-se o preconceito masculino em relação a tentativa de ressignificação da mulher na sociedade; o pensamento essencial é o de que a sociedade é comandada por sujeitos masculinos, logo, se uma mulher assume uma postura combativa e libertária, está assumindo uma posição masculina e comportando-se como apenas os homens podem/devem se comportar. Dessa relação entre dominação e masculinidade surge a ideia de que ou se é feminina ou se é feminista, pois de acordo com essa visão, as duas posturas são incompatíveis e mutuamente excludentes.

De acordo com Racco, a destituição da feminilidade na mulher feminista e a rotulação dessa mulher como mal resolvida e mal amada fazem parte da estratégia de segregação e silenciamento. Nesse ínterim, “as feministas foram percebidas como mulheres feias, infelizes, sexualmente rejeitadas pelos homens e, convenhamos, não é muito raro ouvirmos outras mulheres reafirmando esses estigmas ainda hoje” (RACCO, 2001, p. 59). Segundo a autora, “o mecanismo de naturalização e de cristalização das práticas sociais, que implica sua des-historização, é fundamental no imaginário misógino”, (p. 65); esse processo de naturalizar e cristalizar o discurso dominante fica claramente evidenciado no ato de defesa do antifeminismo, feito por mulheres declaradas antifeministas.

Também é preciso destacar que os feminismos em toda a sua pluralidade, não são movimentos sociais que buscam valorizar ou impor determinada conduta, em detrimento de outra, a homens e mulheres, com o objetivo de reorganizar a sociedade e remover marcos históricos e morais que norteiam as relações humanas. Ao contrário, os feminismos procuram, sobretudo através de reflexão, reconduzir as organizações sociais de modo que as desigualdades sejam amenizadas e que o fator gênero não seja determinante para definir a posição ocupada pelas mulheres na sociedade.

O movimento feminista denuncia que a experiência masculina tem sido privilegiada, enquanto a feminina, negligenciada e desvalorizada, assinalando as desigualdades entre homens e mulheres e desvelando as formas de opressão patriarcal e seus mecanismos de ocultamento (NARVAZ e NARDI, 2007, p. 49).

Nesse sentido, ser feminista não exclui a qualidade de ser feminina, tampouco a atribuição de ser masculino; ser feminista é um posicionamento ideológico que visa a equidade social, e pode ser defendido por mulheres e por homens que, reconhecendo as diferenças, marginalizações e violências dispensadas às mulheres ao longo do tempo e da história acreditam em mudanças que permitam um novo olhar sobre a feminilidade e em uma nova postura sobre as habilidades e competências femininas. Diferentemente do que possa se dizer contra os movimentos de mulheres, os feminismos defendem o direito de toda mulher de escolher como quer desenvolver suas funções sociais na sociedade a qual pertence e que “as mulheres tenham liberdade para exercer seus talentos, embelezar o mundo e encantar a todos de um jeito que somente nós, mulheres, conseguimos fazer”. (KICIS, 2020) Exatamente como propôs a Deputada em seu artigo antifeminista, anteriormente mencionado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos as proposições dos pensadores, reflete-se sobre a profusão e profundidade dessas propostas, nota-se também o caráter formador do discurso, seja ele embasado em aspectos sociais, políticos, históricos ou econômicos. Essa propriedade formadora do discurso fascina e suscita não somente o desejo, mas sobretudo a necessidade de análise aprofundada sobre as questões discursivas inerentes aos movimentos sociais, tanto feministas quanto antifeministas.

Ao retomar as perguntas de pesquisa propostas na abertura desta pesquisa é possível afirmar que:

- a) Os discursos antifeministas afetam as conquistas feministas na medida em que: compreendem essas conquistas como simples modificações estruturais na sociedade; ignoram o fato de que essas modificações são provenientes de reflexões femininas; desqualificam as mulheres participantes do movimento negando-lhes a identidade feminina pela qual lutam; disseminam ideias desfavoráveis aos feminismos e à sua repercussão sobre o fortalecimento da emancipação feminina; impedem, pela reprodução incessante do discurso enfraquecedor da identidade feminina, que muitas mulheres acessem e compreendam as reflexões propostas pelos movimentos de luta e resistência que as representam e se reconheçam, portanto, como sujeitos efetivamente engajados na sociedade e nas estruturas alargadas do poder.
- b) O slogan “sou feminina, não feminista” repercute tanto e ganha novas defensoras a cada dia por causa do discurso dominante que, ao não reconhecer e negar a capacidade feminina de gerir sua própria existência, acusa as mulheres de perderem sua feminilidade, e que para evitar essa perda é preciso ser antifeminista.
- c) A proposta de que esses dois fatores: feminina e feminista, são excludentes entre si, reforça a rejeição aos feminismos e mantém vigente o sistema de dominação masculina, que segrega a mulher ao âmbito do privado e assegura a inserção social e política à masculinidade dominante.

Acerca da acusação de violação aos preceitos cristãos, nos quais, supostamente, estariam embasadas e salvaguardadas as sociedades modernas, nunca é mister lembrar que, dentro da filosofia cristã o amor ao próximo é a determinação prevalecente de sua doutrina, além do conceito de livre arbítrio, que significa liberdade para viver de acordo com suas vontades, desejos e escolhas, sabendo que, a responsabilidade por essas escolhas será atribuída a cada indivíduo. Sendo assim, fica a questão: dominação, segregação e marginalização podem ser considerados sinônimos de amor?

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. O Segundo sexo. Vol 2. Difusão Européia do Livro. 1967 FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso. 5ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1970. FOUCAULT, M. Um diálogo sobre os prazeres do sexo. São Paulo: Landy, 1982

FOUCAULT, M. (1979) Microfísica do Poder. Organização, introdução e revisão técnica: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 3ª edição, 1982.

GALETTI, Camila. De que maneira o feminismo tornou-se inimigo da sociedade? Democracia e Diplomacia. Uol Notícias. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/democracia-e-diplomacia/2020/11/20/de-que-maneira-o-feminismo-tornou-se-inimigo-da-sociedade.htm>> Acesso em: 21/04/2021

KICIS, Bia. O verdadeiro poder feminino. Pauta Brasil. Pleno.News. Disponível em: <<https://pleno.news/opiniao/bia-kicis/o-verdadeiro-poder-feminino.html>> Acesso em: 21/04/2021.

LEONE, Igor. (Anti) Feminismo em Pauta. Carta Capital. 2019. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/justica/antifeminismo-em-pauta/>> Acesso em: 21/04/2021.

MATA, Ana Carolina da. Antifeminismo: Como ele fere pessoas de todos os gêneros incluindo homens. Blogueiras Feministas. 2020. Disponível em: <<https://blogueirasfeministas.com/2020/03/11/antifeminismo-como-ele-fere-pessoas-de-todos-os-generos-incluindo-homens/>> Acesso em: 21/04/2021

NARVAZ, Martha; NARDI, Henrique Caetano. Problematizações feministas à obra de Michel Foucault. Revista Mal-estar subj. Vol.7. n.1. Fortaleza, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1573>> Acesso em: 07/07/2021

RAGO, Margareth. Feminizar é preciso: por uma cultura filógina. In: Revista São Paulo Perspectiva. Vol.15 nº.3. São Paulo, 2001. P. 1- 12. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v15n03/v15n03_08.pdf Acesso em: 07/07/2021.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Refutações ao Feminismo: (Des) Compassos da Cultura Letrada Brasileira. In: Revista Estudos Feministas. Vol 14 nº 03. Florianópolis, 2006. P. 765 – 799. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000300011> Acesso em: 21/04/2021.

VAN DIJK, T. Discurso e poder. Trad. Judith Hoffnagel, Karina Falcone. São Paulo: Contexto, 2008.

WOOD, Ellen Meiksins. Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico. Boitempo. 2003.